

**OS DESCAMINHOS DE UM PROJETO DE NAÇÃO EM OS ANÕES E OS
MENDIGOS, DE MANUEL DOS SANTOS LIMA**

**THE PITFALLS OF A NATION PROJECT IN OS ANÕES E OS MENDIGOS, BY MANUEL
DOS SANTOS LIMA**

**LOS ESCOLLOS DE UN PROYECTO DE NACIÓN EN OS ANÕES E OS MENDIGOS, DE
MANUEL DOS SANTOS LIMA**

Solange Cerqueira Gouvêa da Silveira

Professora de Língua Portuguesa (SME e SEEDUC), especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa (UFRJ), especialista em Português Linguística (UNESA).

RESUMO: O texto tem por objetivo discutir a construção de utopias, na literatura angolana na década de 60, na presença de Manuel dos Santos Lima enquanto escritor engajado no Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), ao lado de nomes como o de Agostinho Neto, e a distopia presente na obra *Os anões e os mendigos* (2004), que questiona os rumos da Pós-independência, na medida em que os graves problemas sociais de Angola não foram resolvidos com a luta pela libertação. A fim de compreender essa trajetória – do sonho à decepção – utilizamos os teóricos, Pires Laranjeira, Morus, Max Weber, Salvato Trigo entre outros, para nos auxiliarem a traçar esse percurso de distopia, que para ser avaliado também conta com a ajuda do texto literário africano, instrumento de sua própria história escrita.

Palavras-chave: Literatura angolana. Utopia e distopia. Manuel dos Santos Lima. Engajamento político literário.

ABSTRACT: The text aims to discuss the construction of utopias in Angolan literature in the 1960s, in the presence of Manuel dos Santos Lima as a writer engaged in the Movement for the Liberation of Angola (MPLA), alongside names such as Agostinho Neto, and the dystopia present in *Os anões e os mendigos* (2004), which questions the direction of post-independence, insofar as Angola's serious social problems were not resolved with the struggle for liberation. In order to understand this trajectory - from dream to disappointment - we used the theorists Pires Laranjeira, Morus, Max Weber, Salvato Trigo and others to help us trace this path of dystopia, which in order to be evaluated also relies on the help of the African literary text, an instrument of its own written history.

Keywords: Angolan literature. Utopia and dystopia. Manuel dos Santos Lima. Literary political engagement.

RESUMEN: El texto pretende discutir la construcción de utopías en la literatura angoleña de los años sesenta, con la presencia de Manuel dos Santos Lima como escritor comprometido con el Movimiento para la Liberación de Angola (MPLA), junto a nombres como Agostinho Neto, y la distopía presente en *Os anões e os mendigos* (2004), que cuestiona el rumbo de la posindependencia, en la medida en que los graves problemas sociales de Angola no se resolvieron en la lucha por la liberación. Para comprender esta trayectoria -del sueño a la decepción- nos servimos de los teóricos Pires Laranjeira, Morus, Max Weber, Salvato Trigo y otros para ayudarnos a trazar este camino de la distopía, que para ser evaluado cuenta también con la ayuda del texto literario africano, instrumento de su propia historia escrita.

Palabras clave: Literatura angoleña. Utopía y distopía. Manuel dos Santos Lima. Compromiso político literario.

1 APRESENTAÇÃO

O interesse que aqui se manifesta pela obra de Manuel dos Santos Lima trata-se da qualidade artística da sua obra : *Os anões e os mendigos*, bem como a sua qualidade sociológica, que abordou magistralmente os seguintes temas: a guerra, a utopia, os delírios de poder, as traições, assassinatos e o desencanto, a liderança carismática, entre outros temas numa Angola que acabava de obter sua independência da Metrópole : Portugal, fato ocorrido em 11 de novembro de 1975, após um período de guerras que se estendeu por quatorze anos (fevereiro de 1961 a abril de 1974).

Tenho a pretensão de discutir a construção de utopias, na literatura angolana na década de 60, na presença de Manuel dos Santos Lima enquanto escritor engajado no Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), ao lado de nomes como o de Agostinho Neto, e a distopia presente na obra *Os anões e os mendigos* (2004), que questiona os rumos da Pós-independência, na medida em que os graves problemas sociais de Angola não foram resolvidos com a luta pela libertação. A fim de compreender essa trajetória – do sonho à decepção – consultei obras dos teóricos, Pires Laranjeira, Morus, Max Weber, Salvato Trigo entre outros, a fim de que me auxiliassem a traçar esse percurso de distopia, que para ser avaliado também conta com a ajuda do texto literário africano, instrumento de sua própria história escrita

Lima encanta, com sua narrativa densa, metafórica, por ter a coragem de traçar as dinâmicas de um poder instaurado - do qual fez parte - que assim que tomou as rédeas da nação protagonizou a decepção e a alocação dela em um tempo sangrento e de miséria, tempo este que se tornaria muito pior do que o anterior, em que havia o domínio da Metrópole. O autor, a meu ver, ousou nessa narrativa, por ter tido a coragem de desmistificar, através das metáforas, o homem considerado um herói para Angola.

Para mim, sempre muito interessada na literatura angolana, foi uma experiência muito enriquecedora ter contato com esse romance, que preencheu várias lacunas que existiam no meu conhecimento: por que o governo pós independência fracassou? Por que tantas guerras fratricidas, por que tanta miséria? Por que o povo estava em situação pior que a anterior? Por que um país tão rico em recursos naturais não oferece nada ao povo? Enfim, muitas perguntas que me foram respondidas com a leitura desse romance. Ressalto que durante os meus estudos a respeito das Literaturas Africanas, ainda não havia me deparado com um texto tão visceral, embora tenha lido alguns títulos de Pepetela, entre outros, que já apontavam o desencanto com os projetos de nação, no entanto Lima atravessa a fronteira da subliminaridade, apontando a ferida e a deixando exposta ao leitor, com sua narrativa endereçada a Agostinho Neto e sua cúpula. Vale ressaltar que após o governo deste, tal situação só mudou de mãos, uma vez que Angola (como muitos outros países fronteiriços), ainda iriam padecer sob governos corruptos e antidemocráticos.

Lima não está preocupado em resgatar a angolanidade e nem a fala nacional, sua meta é mostrar os fatos sociais que deslegitimam todas as falácias de um discurso “libertário” que encanta pessoas até os dias

de hoje – em Angola. Sua escrita vai além, é multicultural, porque não se restringe, sem dúvida é um texto sociológico.

Há muitos elementos no romance a serem analisados: a dominação do líder, Davi Demba-personagem principal, através do carisma, a analogia com as promessas de um paraíso pós independência (como se vê na história do Moisés bíblico), a personificação da consciência africana, que ainda residia em Demba, lembrando-lhe do papel da Utopia, o desencanto de seus companheiros de lutas ... enfim muito mais a de ser dito a respeito dessa obra.

Diante de um cenário caótico em que a sociedade vive, inclusive pelo fato de insistirem em uma vivência hedonista, creio que as escritas literárias de cunho sociológico têm muito a oferecer, não só aos graduandos, mas à juventude em geral, pois são excelentes ferramentas que desenvolvem e apuram o senso crítico.

2 CONHECENDO O AUTOR

Manuel dos Santos Lima (Por: Pedro Pega)

“Com raízes familiares em São Tomé, de onde o seu pai era oriundo, Manuel Guedes dos Santos Lima nasceu em Angola, na província do Bié, na cidade do Kuíto (ex-Silva Porto), no dia 28 de Janeiro de 1935. Morreu no Hospital do Barreiro, às 19.30 h do dia 17 de Dezembro de 2024, aos 89 anos.

Desde muito jovem que Manuel dos Santos Lima se destacou pela sua personalidade e inteligência. Aos doze anos, rumou até Lisboa, para concluir os estudos secundários no Liceu Camões, tendo posteriormente ingressado na Faculdade de Direito (1953) da Universidade de Lisboa. Foi colega de Francisco Sá Carneiro, Jorge Sampaio e Pinto Balsemão. Ainda em Lisboa, torna-se residente da Casa dos Estudantes do Império (CEI), sendo um dos mais importantes colaboradores da revista Mensagem.

Foi o representante de Angola no 1.º Congresso Internacional dos Escritores e Artistas Negros, em Paris (em 1956), e no Congresso Afro-Asiático de Escritores, no Cairo (1962). Em Paris, trabalhou com Léopold Sédar Senghor e Aimé Césaire na revista *Présence Africaine*.

Santos Lima foi o primeiro oficial negro do exército português, mas desertou para lutar pela independência de Angola. Desertou em Damasco, seguindo depois para Beirute, onde havia um núcleo nacionalista angolano, dirigido por Marcelino dos Santos. Coube-lhe a formação, bem como a tarefa de ser o primeiro comandante do Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA), o braço armado guerrilheiro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Entre 1961 e 1963 participou como comandante do EPLA na Guerra de Independência de Angola. Porém, resolve deixar o MPLA por divergências com a liderança de Agostinho Neto. Trocou depois as armas pelas letras, ou, como alguém já escreveu, «mudaria apenas de arma para prosseguir o combate pela causa africana (Maria Leonor Nunes, *Jornal de Letras*, n.º 814)».

Entre 1963 e 1968, após concluir aí a sua licenciatura, doutorou-se em literatura comparada, na Universidade de Lausanne, na Suíça, com uma tese sobre a obra de Castro Soromenho (1975), de quem era amigo pessoal.

Leccionou no Canadá até 1982, onde ensinou sobre literatura portuguesa, francesa e espanhola. Leccionou em Rennes, durante 20 anos, e em Nantes, Lisboa (Universidade Moderna) e Luanda, onde chegou a ser reitor da Universidade Lusíada de Angola. Personalidade com um grande espírito crítico, dotado de uma rara inteligência, e de um inabalável humanismo, tornou-se, logo após a independência nacional, um sério opositor ao regime instalado em Angola, denunciando os excessos e abusos do mesmo. Encabeçou um dos movimentos de oposição ao MPLA após o pluripartidarismo, fundando o Movimento de Unidade Democrática para a Reconstrução (MUDAR) – partido oposicionista do regime – sendo convidado para tal em 1991, tendo concorrido às eleições para a Presidência da república de Angola em 1992.

Após a sua jubilação, Manuel dos Santos Lima radicou-se em Portugal, escolhendo para sua residência uma pequena aldeia (Ladoeiro) do concelho de Idanha-a-Nova, no distrito de Castelo Branco, onde encontrou a calma e a tranquilidade necessárias para abraçar uma vida dedicada à música, à arte, à literatura, e à revisão dos seus escritos. Mais recentemente, como a sua idade e saúde demandassem maiores cuidados e vigilância médica, Manuel dos Santos Lima mudou-se, com a sua esposa, para o concelho de Azeitão, onde residia actualmente.

As suas principais obras publicadas são Kissange (1961), As Sementes da Liberdade (1965), As Lágrimas ao Vento (1975), Os Anões e os Mendigos (1984). Os seus primeiros livros retratam o período de guerra colonial, demonstrando a luta pela libertação de Angola, podendo afirmar-se que Manuel dos Santos Lima foi um poeta, dramaturgo e romancista cuja escrita está enraizada na luta pela libertação de Angola do colonialismo Português.”

Fonte: Jornal Regiões Online

Site: Horizontes Viver

3 ANÁLISE DO ROMANCE: OS ANÕES E MENDIGOS

Busca-se analisar os fenômenos responsáveis pela questão da distopia no regime pós-colonial em Angola, através do olhar consistente e analítico de Manuel dos Santos Lima, em sua obra: *Os anões e os mendigos* (2004) que denota claramente- o desencanto¹ do autor diante dos percursos tomados pelo país,

¹ Como se vê em outros tantos romances angolanos publicados na década de 1980, por exemplo, em *Mayombe*, de Pepetela. Mais à frente em *Geração da Utopia*, outros tantos autores produzem obras com o mesmo tema: o desencanto. Manuel Rui, por exemplo, que através da paródia narra a vida difícil dos angolanos no período pós independência, como por exemplo em: *Quem me dera ser onda*.

depois das lutas pela independência de Angola. Como um projeto que aparentava união em favor de uma nação, fracassou? O que causou a desunião nos bastidores de um governo que alçou o Poder, justamente através da conexão entre seus atores? São questões muito profundas e difíceis de apresentar respostas prontas, entretanto, com a ajuda de teorias da crítica O presente trabalho busca analisar os fenômenos responsáveis pela questão da distopia no regime pós-colonial em Angola, através do olhar consistente e analítico de Manuel dos Santos Lima, em sua obra: *Os anões e os mendigos* (2004) que denota claramente o desencanto² do autor diante dos percursos tomados pelo país, depois das lutas pela independência de Angola. Como um projeto que aparentava união em favor de uma nação, fracassou? O que causou a desunião nos bastidores de um governo que alçou o Poder, justamente através da conexão entre seus atores? São questões muito profundas e difíceis de apresentar respostas prontas, entretanto, com a ajuda de teorias da crítica literária, no âmbito da. História, das Ciências Sociais, entre outros campos, pensamos conseguir formular algumas hipóteses.

Convém destacar que Lima, de acordo com estudiosos que tratam de sua obra não é um autor muito conhecido ou estudado nos meios acadêmicos.

Trigo (2020)³ expõe a sua opinião sobre isso:

Em parte pela sua vivência *tricontinental* (e a sugestão de paralelismo com Glauber Rocha é menos despropositada do que pode parecer à primeira vista), em parte pela sua divergência política, a partir de certa altura, com Agostinho Neto e o MPLA, em parte ainda pela contundência da sua crítica à geração da *distopia* contida no romance *Os anões e os mendigos*, de 1984, a verdade é que Manuel dos Santos Lima não tem sido valorizado como entendemos que merece.(p-07).

Ele ainda discorre a respeito da obra de Lima:

Com a publicação do terceiro romance, *Os anões e os mendigos* (1984), as técnicas narrativas revelam-se muito mais aperfeiçoadas e a escrita ganhou em densidade analítica, sem perder em estética. Em 23 de novembro de 1984, aqui na cidade do Porto, escreveria Manuel dos Santos Lima na dedicatória que me fez deste romance: «Na minha terra eles são anões e mendigos e detêm o poder...». Cataforizava-me, assim, o propósito deste romance de fazer a anatomia do poder em Angola, esvaído que estava o sol da independência, cadinho das esperanças de total libertação de um povo do poder colonial, mas também alcova de intrigas e de traições[...] (p-10)

Uma hipótese para esse desconhecimento é o fato de o autor ter se afastado de um cânone criado para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pois desde que surgiram, no século XIX com os autores africanos se expressando através da escrita da língua do colonizador, certas temáticas, autores e obras

² Como se vê em outros tantos romances angolanos publicados na década de 1980, por exemplo, em *Mayombe*, de Pepetela. Mais à frente em *Geração da Utopia*, outros tantos autores produzem obras com o mesmo tema: o desencanto. Manuel Rui, por exemplo, que através da paródia narra a vida difícil dos angolanos no período pós independência, como por exemplo em: *Quem me dera ser onda*.

³ **Salvato Trigo**, é reitor e proprietário da Universidade Fernando Pessoa, com sede no Porto. Formado em Românicas, defende que, para ser completa, uma universidade deve juntar as ciências duras e as humanas.

prevaleceram nas pesquisas acadêmicas. Pela crítica feita aos descaminhos do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), pela decepção com utopias não concretizadas por seus idealizadores. O que significa dizer que a obra limiana, com toda a visceralidade contida na sua escrita, continua uma espécie de projeto utópico pessoal com cunho estético.

As atividades de Lima que juntamente com seus companheiros escritores (os quais mais tarde também se tornariam membros do governo pós independência angolano) eram movidos por utopias libertárias, a fim de -edificarem um projeto de nação. Eles já militavam, através de seus escritos à época da CEI – Casa dos Estudantes do Império cujo objetivo principal pode ser visto na réplica à publicação de Imbondeiro ⁴, uma revista que circulava naquele momento:

Aludindo sub-repticiamente ao desencadear da luta armada de libertação nacional, que, entretanto, se verificara, considerava-se que aos autores angolanos tinha de se exigir o ‘máximo possível de consciência social, para poderem dar-nos a imagem coerente do mundo, expressa no plano literário e artístico’, consciência essa nunca independente das classes sociais (numa formulação nitidamente bebida nas ideias marxistas)” (LARANJEIRA, 1995- p.113).

Como expõe Laranjeira, a Casa dos Estudantes do Império, onde Manuel dos Santos Lima (que aprofundou sua veia literária no início dos anos 1970) e seus companheiros participavam ativamente, sempre trazia publicações com engajamento político. Cabe ressaltar que o contexto da década de 60/70, para as então colônias africanas de Portugal, se revestiram da utopia libertária preconizada pela luta armada, que foi significada, inclusive, na literatura de guerra.

Topa e Vishian (2020)⁵ resumem a biografia do autor na obra : *Manuel dos Santos Lima, escritor angolano tricontinental*:

Manuel Guedes dos Santos Lima nasceu a 28 de janeiro de 1935, em Cassamba, Silva Porto (atual Cuíto), na província do Bié, em Angola. Publicou até ao momento um livro de poemas ("Kissange", 1961), uma peça de teatro ("A Pele do Diabo", 1977) e três romances ("As Sementes da Liberdade", 1965; "As Lágrimas e o Vento", 1975; "Os Anões e os Mendigos", 1984).⁶

Lima foi oficial do Exército Português, mas se tornou desertor e se aliou à luta armada pela Independência de Angola – seu romance : *As lágrimas e o vento* de 1975 ⁷é centrado nessa vivência - assim fundou do Exército Popular de Libertação de Angola (braço armado do Movimento Popular de Libertação

⁴ Revista cujas publicações primavam apenas para a causa literária, sem envolvimento ideológicos. De acordo com Laranjeira: “ embora ‘expressão de cultura angolana, branca ou negra’, colocava-o no âmbito do luso-tropicalismo.(p.113)

⁵ FRANCISCO TOPA (n. Porto, 1966) é Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro integrado do CITCEM. Leciona nas áreas de Literatura e Cultura Brasileiras, Crítica Textual, Literaturas Africanas e Literaturas Orais e Marginais. É, desde 2019, o responsável pela Cátedra Agostinho Neto na FLUP e, desde 2023, diretor do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos. Organizador juntamente com a romancista: Irena Vishan.

⁶ Títulos que narram todos os percursos políticos de Angola.

⁷ Trigo, p.09 Idem.

de Angola – MPLA) e seu 1.º comandante-chefe. . Em seguida presidiu o Movimento de Unidade Democrática Angolana para a Reconstrução-MUDAR.⁸

Vale também destacar, que, nas guerras coloniais, a extinta URSS participou com treinamento de guerrilha nas áreas de ação dos grupos marxistas e o fator determinante para essas ações foi a Guerra Fria – período em que os Estados Unidos e a União Soviética tiveram grandes tensões, por disputarem áreas de influência em todo o mundo – de um lado os EUA lideravam o bloco capitalista e de outro a URSS o bloco comunista. Lima aponta, em seu romance as metáforas dessas influências: *Havia dois grandes abutres que se mediam à distância. De porte imponente, comportavam-se como senhores de alta estirpe[...]* (LIMA 2004- p-14).

Retomando a obra aqui analisada, a fim de buscar as respostas para a ineficiência do regime que passara a vigorar naquela nação recém-liberta, é claramente visível a perda das utopias em Lima que, no seu romance denso, crítico e metafórico - *Os anões e os mendigos* - expõe uma liderança carismática representada pelo personagem principal Davi Demba, que ao ser conduzido ao poder trai a todos os ideais prometidos ao povo: unificação, paz, progresso, entre outras expectativas.

Morus (2004) tece um interessante comentário sobre o conceito de utopia em seu capítulo *A filosofia da moral em Utopia* e o trecho vem de encontro àqueles jovens estudantes africanos da década de 60:

Mesmo o mais inflexível defensor da virtude e inimigo do prazer, que nos instiga a levar uma vida de trabalho duro, de noites insones e de mortificações, ainda nos ensina que devemos, tanto quanto pudermos, ajudar a aliviar a pobreza e o infortúnio do próximo. É particularmente louvável, dizem eles, dar conforto e bem-estar ao próximo. Nada é mais humano (e o senso de humanidade é a virtude mais própria dos seres humanos) do que aliviar a miséria dos outros, mitigar seus sofrimentos e, ao remover os motivos de tristeza de suas vidas, devolver-lhes a alegria de viver[...]

Quando a natureza nos estimula a sermos bons para com o próximo, não nos aconselha a sermos cruéis e impiedosos para conosco mesmos. Os utopienses dizem, portanto, que uma vida agradável, quer dizer, de prazer, foi prescrita pela própria natureza como um fim para nossas ações e, assim, estimam que seguir este preceito natural deve ser definido como virtude. A natureza convida os homens a ajudarem-se mutuamente, a viverem com alegria, e nos adverte constantemente de que não devemos procurar nossas vantagens avidamente, à custa do infortúnio de nossos semelhantes. Há uma razão muito boa para que assim seja: ninguém está acima dos demais, a tal ponto que a natureza tenha de preocupar-se só com ele; ela dedica a mesma afeição a todos os seres a quem deu forma semelhante. É por esse motivo que os utopienses sustentam que os homens não deveriam apenas pautar-se apenas pelas convenções privadas, mas deveriam também obedecer a todas as leis públicas que controlam a distribuição de bens essenciais[...] (p-79)

Em contrapartida, Inocência Mata (2003) analisa a distopia neste e em outros romances angolanos, como a *Geração da Utopia*, de Pepetela, por exemplo:(...) *são representações orgíacas do novo poder, ditatorial e repressivo, sob o signo da corrupção, do nepotismo, do clientelismo, um sistema baseado na 'ética do ter'que, lvarmente, foi substituindo a 'ética do ser'(...)* (p.47). Pepetela, de fato, é o autor que

⁸ br.geocities.com/www.ikuska.com/betogomes.sites.uol.com.br Acessado em :18/092020

para muitos estudiosos da literatura angolana melhor ilustra a crítica aos descaminhos do Pós-independência. O próprio Pepetela, ao comentar seu romance *A Geração da Utopia*, explica que:

[...]Apenas uma estória sobre uma geração que fez a independência de Angola e não soube fazer mais nada [...] Esta geração realizou parte do seu projeto, a independência. Mas nós lutávamos também pela criação de uma sociedade mais justa e mais livre, por oposição à que conhecíamos sob o colonialismo. Por razões várias (constantes interferências externas, desunião e erros de governação), este objetivo não foi atingido e hoje Angola ainda é um país que procura a paz e está destruído, economicamente desestruturado e com uma população miserável, enquanto meia dúzia de milionários esbanja e esconde fortunas no estrangeiro. (PEPETELA. In: CHAVES e MACEDO, 2009, pp.42-43)

Lima, na mesma década também apontava fissuras no projeto angolano, em entrevista concedida em 1989, ele comenta sobre as suas três obras publicadas em diferentes momentos do processo de independência de Angola, afirmando que:

Em *As sementes da liberdade* tratava-se, essencialmente, de descrever uma situação colonial e a reacção a essa situação, que era a busca de um líder. Em seguida, em *As lágrimas e o vento*, esse líder vai aparecer no quadro da luta de libertação [...] Depois, em *Os anões e os mendigos*, esse líder vai chegar ao poder e, paralelamente, vai ser julgado pela sua acção como chefe: e é o falhanço. Esse percurso corresponde ao fim ao cabo, ao que aconteceu. De maneira geral em toda a África, todas as esperanças populares foram traídas imediatamente após as independências. Angola não faz excepção nesse quadro. LABAN, 1991: 441.

Aqui, ao final, Lima expõe todo o seu desencanto com os rumos que tomaram os movimentos da independência e, infelizmente, após três décadas dessa entrevista a situação pouco mudou em Angola.

O âmbito sociopolítico nas cenas da narrativa de *Os anões e os mendigos* indica a decepção do narrador por causa das direções que o país, após a independência de Portugal, tomou e, também, certa mágoa pelo cenário de miséria em que vivem os povos africanos ainda hoje.

Considerando também a possibilidade de estudar o livro, a partir de outras áreas como a da Sociologia, houve a chance de reflexão em como o fazer literário tem tanto significativos dentro do âmbito sociológico, e assim optou-se por investigar os desdobramentos da história narrada em *Os anões e os mendigos*⁹ através do percurso daquele líder carismático na figura do personagem Davi Demba, pela ótica das Ciências Sociais, discutida por Weber(1986), intelectual que publicou um ensaio a respeito das dominações legítimas, o que contempla a análise do personagem no contexto sociológico.

Nas primeiras páginas do romance, o autor já evidencia a presença de Davi Demba, o líder:

Atormentado pela angústia, Josué fez o juramento solene de lutar até à morte pela independência nacional da Costa da Prata. Voltaria de armas na mão. Os outros, influenciados, juraram com ele e repetiram esse nome proibido que na alma do povo ganhara força de símbolo: Davi Demba. Baixava-se a voz quando se falava dele e era ainda em nome de Davi que os iniciados à subversão pregavam

⁹ Convém expor a questão no próprio romance: (...) *Elias sorriu e encolheu os ombros. Um certo gosto pela aventura e um desejo impreciso de recolher elementos para uma tese em sociologia, uma vez que lhe era dado assistir à gestação de uma nova ditadura africana, a Costa Pratense*(...)LIMA. 2004 (p-19)

como novo evangelho a doutrina nacionalista e anunciavam o novo dia que ia chegar após longa noite colonial.(p.15-16).

O romance narra as tragédias de pessoas que acreditaram num futuro melhor na “terra prometida” (como nas passagens bíblicas dos tempos de Moisés)¹⁰ e, para isso, seguiam, caíam, levantavam, morriam, tudo pela obediência e fidelidade ao grande líder revolucionário.

Weber (1986)¹¹ comenta os três tipos de dominação legítima: Dominação Legal, em virtude do estatuto, Dominação Tradicional, em virtude da crença e seu tipo mais puro é a dominação patriarcal e a Dominação Carismática, por conta da devoção afetiva ao senhor e seu carisma. Esta dominação é a que tem mais afinidade com a pessoa do líder narrado no romance de Lima, embora no decorrer da história encontremos a mescla com a Dominação Tradicional.

Na narrativa, é perceptível a influência carismática, como a descrita acima no personagem principal, Davi Demba sobre aquele povo refugiado. O seu carisma se traduzia através do seu “heroísmo” em conduzir o povo a uma Angola independente e, a partir disso construir um projeto de nação. Muito fora prometido:

Assim rezavam as mensagens transmitidas pela rádio. Animado dessa fé, o povo olhava com desprezo para os representantes da lei, rindo-se por dentro, certo deque o futuro lhe pertencia porque já o transportava clandestinamente no coração.(p.16).

(...)Um homem predestinado iria conduzir a luta da Costa da Prata: Davi Demba (...) Demba era doutor formado pela Cidade dos Castelos. Toda a sua vida era um exemplo de militância anticolonialista. Passara a metade da existência na cadeia, por amor à Atormentado pela angústia, Josué fez o juramento solene de lutar até à morte pela independência nacional da Costa da Prata. Voltaria de armas na mão. Os outros, influenciados, juraram com ele e repetiram esse nome proibido que na alma do povo ganhara força de símbolo: Davi Demba. Baixava-se a voz quando se falava dele e era ainda em nome de Davi que os iniciados à subversão pregavam como novo evangelho a doutrina nacionalista e anunciavam o novo dia que ia chegar após longa noite colonial.(p.15-16).

Weber (Idem) comenta em seu texto: Os três tipos puros de dominação legítima, que a ‘dominação’ pode solidificar-se nas muitas causas da submissão, uma vez que a mesma depende de inúmeras vantagens e objeções que cercam os submissos. O autor afirma que a dominação também pode depender de um procedimento banal, da prática desmedida de uma conduta enraizada. A dominação também se firma no ‘puro afeto’, na simples tendência individual do subordinado.

Nos trechos destacados acima ocorre, nesse momento, a dominação de Demba sendo fundada naquela gente pelo ‘puro afeto’, até porque o povo retratado na história também já apresentava a simples

¹⁰ Não é por acaso que o autor designa todos os personagens com nomes bíblicos. Há muitas passagens no romance que aludem às narrativas da Bíblia. Vários estudos já foram feitos a respeito desse tema.

¹¹ O sociólogo alemão Max Weber é considerado um dos pensadores clássicos da sociologia e desenvolveu um método de análise social baseado no que ele chamou de ação social. No cerne de relações sociais, moldadas pelas lutas, Max Weber percebe de fato a dominação, dominação esta, assentada em uma verdadeira constelação de interesses, monopólios econômicos, dominação estabelecida na autoridade, ou seja o poder de dar ordens, por isso ele acrescenta a cada tipo de atividade tradicional, afetiva ou racional um tipo de dominação particular. Weber definiu as dominações como a oportunidade de encontrar uma pessoa determinada pronta a obedecer a uma ordem de conteúdo determinado.

tendência individual do subordinado. Como se pode inferir neste trecho: *Essas tarefas, sustentavam (os colonos)¹², exigiam competências e aptidões que ultrapassavam as possibilidades das cabeças encarapinhadas, pouco afeitas ao exercício intelectual e à reflexão cartesiana. Nelas tudo era emoção, frenesim, ritmo e dança. [...]*” (LIMA ob cit -p.44).

A figura de Davi Demba à frente da nação independente aporta outras características de dominação citadas por Weber(Ibidem), como já foi mencionado anteriormente. A interpretação dele a respeito da Dominação Legal: *[...] Obedece-se não à pessoa em virtude de seu direito próprio, mas à regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo a quem e em que medida se deve obedecer.[...]* (p.129). Esta cena do romance infere ao que o autor comenta:

O presidente de um movimento libertador tinha que ter autoridade e força moral para cilindrar todas as possíveis resistências à sua chefia. Essa súbita vontade de dominar acentuara-se nele tanto pelo contacto com leituras revolucionárias como por um sentimento obscuro de impotência indefinida, de falhanço qualquer, associados a um desejo de autovalorização. (LIMA. Ob cit-p.76)

Aqui, Davi Demba com seus delírios de poder vai de encontro ao pensamento de Weber, que ao explicar a Dominação Legal comenta entre outras características que o direito do mandatário está estabelecido por uma norma deliberada pela ‘competência concreta’ e seu determinante norteia-se pela ‘utilidade objetiva’- que no caso da narrativa de Lima, seria o destino da nação livre administrado pelo líder.

Na passagem a seguir, é bem nítido que o Camarada Presidente da Costa da Prata forja a sua Dominação Carismática com o povo que se inebria com a sua oratória:

Na praça da Liberdade, perante mais de trezentas mil pessoas, Davi Demba, sobre um estrado que lembrava um altar, expôs o programa austero da Api para a construção da sociedade independente e democrática[...] Pão para todos, livros para todos, trabalho para todos, a riqueza para todos. A entonação comedida, o gesto estudado, ora paternal, ora grave, a multidão escuta Davi num silêncio religioso[...] Estariam eles prontos a pagar o preço da independência, da dignidade e da liberdade? -Sim![...] (Idem -p-88).

Assim como se vê a sua realização ao assistir uma manifestação com o seu amigo, Bengaber:

Lá fora, um grupo de mulheres cantando, bandeiras vermelhas desfraldadas e vassouras como armas, levou-os à janela. Altifalantes atiravam *slogans* e palavras de ordem para o ar. E Davi Demba sentiu-se maravilhado [...] Mas tudo isso não seria antes o fruto do seu carisma pessoal? [...] Já se falava nos jornais de um novo culto, o ‘Dembismo’. (Ibidem- p-109).

Aqui é clara a Dominação Tradicional; de acordo com Weber: “a crença na santidade das ordenações” [...] *O líder estendeu a mão á maneira de uma bênção. Houve lágrimas e ‘vivas’, abraços e*

¹² Grifo próprio

juramentos de fidelidade[...] (p.89). [...] –Poderemos nós encontrar um dirigente como este, que esteja tão cheio do espírito do Feiticeiro-mor?(Ibidem- p-103).

Retomando a questão da perda das utopias retratadas no romance, torna-se interessante expor o diálogo entre dois personagens que lutaram muito, ao lado de Davi Demba pelo ideal do projeto de nação livre angolana, mas que na cena já estão desencantados:

Desde a sua chegada, Bengaber sentiu que Josué não estava completamente à vontade[...] Falaram por alto do comício da véspera, cujas fotografias vinham em todos os jornais. Discorreram sobre a situação política extremamente tensa e por fim um silêncio embaraçoso colocou-os frente a frente.

- É um poema?- perguntou Josué esquivando-se.

- Não. É teatro, ou melhor, um projecto de peça.

-Posso ler? – antes que Bengaber respondesse Josué precipitou-se para a máquina de escrever, pondo-se a ler em voz alta. Isso não desagradou o autor[...]

Mensageiro – ‘Os condenados já cavaram as sepulturas. Cumpra-se a sentença ou...’

Ditador- ‘E vós, senhora, entre todas mais excelsa, que me aconselhais a fazer?’

Utopia- ‘Sois poderoso e invencível, sede firme, senhor, sede firme!’

Ditador- ‘Como? Maior não pode ser o cemitério das minhas amizades! E que diabo, sou um democrata!’

Utopia- ‘A consciência é um espaço infinito. Requisitai-a, senhor, e tereis largo campo, se quiseres vencer...’

Efêmera- ‘É já tarde para vencer, senhor, só vos resta escolher entre a fraqueza do perdão e o remorso do crime[...]

Mensageiro- ‘As sepulturas continuam apontadas como dantes. Primeiro luta-se contra a opressão em nome da liberdade e a tragédia repete-se como um disco falhado’(Ibidem- p-91).

Retoma-se aqui outro trecho de Morus (2004), a fim de sustentar a fala da personagem da peça acima, Utopia:

É por esse motivo que os utopienses sustentam que os homens não deveriam apenas pautar-se apenas pelas convenções privadas, mas deveriam também obedecer a todas as leis públicas que controlam a distribuição de bens essenciais como aqueles que compõem a própria substância do prazer. Qualquer dessas leis, quer tenham sido devidamente promulgadas por um bom soberano, quer tenham sido ratificadas por um povo livre da opressão e da fraude, devem ser observadas; e desde que sejam observadas, qualquer homem estará livre para buscar seus próprios interesses dentro dos limites da prudência.(Ob cit-p-79).

Ao final, na cena em que Samuel Anga, companheiro de luta, que fazia parte do governo, havia desagradado o presidente em um almoço, citando um antigo discurso de Demba que contrariava aquela atual dinâmica opressora. Ele foi avisado de que seria preso. Comentou com o oficial da Polícia que viera avisá-lo que não fugiria e diz:

-Lembras-te , nas longas noites da mata, das coisas belas com que sonhávamos para quando fôssemos independentes?

- Sim, camarada.

-Vês como eles deram cabo do nosso sonho? (Ibidem-p.171)

Comparando as passagens do romance a respeito das formas de dominações e o desencanto com os rumos da nação em *Os anões e os mendigos* percebo que elas retratam que a independência, não só em

Angola, mas em outros países fronteiriços, foi forjada no sangue de inocentes, no êxodo dos camponeses¹³, no sofrimento, na fome, nas violações dos direitos humanos, nas amizades utilitárias, guerras fratricidas, entre outros desmandos. Daí as nações africanas não terem conseguido consolidar seus projetos de nação até hoje. Trigo (ob cit) comenta a respeito da produção de Lima:

Nenhum dos três romances cedeu à demagogia fácil de submeter a dimensão estética e ética à vazia repetição de lugares-comuns ideológicos, porque sobre estes, os seus autores, já todos tinham feito quase uma catarse da indignação pelos rumos em que os novos senhores do poder, nas várias independências africanas, meteram os seus países e o seu povo.[...] (p-12)

Ao final do romance ,o narrador comenta a quem se destina o título : Os anões representam o povo desnutrido e explorado¹⁴ e os mendigos são os agentes do poder, aqueles que usurpam as ações sociais projetadas pelos países ricos em prol da população, que, no recorte da história analisada , deveria se beneficiar, a fim de se fortalecer para tocar a nação independente.

Como já se esperava, no desfecho consolida-se o dismantelo do governo “revolucionário” e ditatorial de Demba¹⁵, este que sucumbiu ao instinto sanguinário, à pilhagem, à mentira à ganância. A trajetória deste líder, quanto às suas diferentes formas de dominação, na narrativa (destacando-se a carismática que permeia mais fortemente a sua personalidade) pode ser resumida neste trecho em que seu antigo companheiro de luta de Bendecar, à véspera da execução a mando de Demba: *Bendecar jamais esperara clemência[...] E lembrar-se que Davi Demba era um mito que ele ajudara a fabricar por que a luta de libertação precisava de se identificar a uma figura carismática [...]*.(Ibidem-p.157).

Ele foi morto pelo seu maior admirador, Josué, para o alívio dos seus opositores, estes, por sua vez, ceifaram a vida do autor do homicídio e assumiram nova versão para os fatos, assumindo então um outro ator na liderança e, desta feita, a narrativa deixa claro que tudo irá se repetir, até que ocorra o acerto. Aqui, convém se reportar aos escritos de Weber(ob cit) :

A dominação carismática é uma relação social especificamente extracotidiana e puramente pessoal. E caso, de subsistência continuada, o mais tardar com o desaparecimento do portador do carisma a relação de domínio [...] quando não se extingue de imediato, mas subsiste de alguma forma, passando a autoridade do senhor a seus sucessores[...](p.138).

Dessa forma, tanto a designação pela comitiva como a manifestação dos grupos (bélico ou religioso), como o referendo abraçaram repetidamente na História ao condição de um pleito efetuado por

¹³ Em um documentário sobre o país, destaca-se a opinião do professor e historiador da UFRJ Silvio de Almeida Carvalho Filho (2000):A guerra produziu fome, doenças e o deslocamento de pessoas, e isso causou grande exclusão social, na medida em que a população teve que abandonar o interior por causa da destruição de suas cidades.

¹⁴ Os costa-pratenses tinham começado a diminuir de estatura. Até o fim do século perderiam cerca de cinco centímetros e em meados da nova centúria seriam anões. [...] (LIMA-2004-p-169)

¹⁵ Que não obedeceu aos mandamentos a ele passados pelo Feiticeiro-mor que o apresentou à sua filha Utopia e assim o orientou: *Esta é minha filha Utopia; foste eleito para seu marido e com ela inaugurarás o meu reinado junto dos teus. Ama-a!* (Idem-p-103)

votação, mudando deste modo o chefe/ senhor designado por causa de suas ambições carismáticas, eleito pelos subordinados de acordo com sua determinação livre.

No contexto atual, foi importante ouvir a opinião de uma jovem escritora angolana, Domingas Monte¹⁶, que gentilmente respondeu às perguntas que lhe enviei .

1- Você acha que hoje a questão identitária cultural é valorizada o suficiente? Qual seria o fator principal para a valorização (ou não)?

DM-Sim, a valorização identitária e cultural começa a ganhar corpo e sentido, apesar dos séculos de colonização que deixaram máculas em nós. Pois, durante gerações e mesmo está geração (actual) foram rejeitando as suas raízes e culturas, fruto dos ideais da colonização. As pessoas sentiam/sentem vergonha das suas origens tomaram/tomam a identidade do colonizador como a melhor, a civilizacional.

De uma maneira geral, podemos considerar que o caminho ainda é longo a ser percorrido. Porém, a pouco e pouco nota-se um regresso às raízes angolanas/africanas e ao sentimento de pertença e de apropriação dos valores que forjam as nossas culturas, de modos a estar por dentro dela como membros de uma comunidade, de uma etnia, de uma cultura específica. E como se sabe o poder da tradição oral tem sido relevante na transmissão e preservação da sabedoria ancestral angolana/africana.

Vou lhe contar uma história sobre a actualidade do nosso país em tempo de pandemia/tempo de Covid-19.

Por causa da pandemia e do confinamento a TPA (Televisão Pública de Angola) passou a transmitir em directo todos os domingos a tarde uma live musical, com a intenção de angariar fundos para os mais necessitados. São convidados músicos, bandas que actuam ao vivo. Nisso, fomos vendo desfilar nos nossos ecrãs músicos, cantores diversos e sempre que actuaram as bandas folclóricas e de música tradicional, música própria de Angola, vimos o país em alvoroço, todo mundo a dançar e a festejar, reflectindo-se nas redes sociais. A exaltação da música, da tradição, das nossas danças e dos nossos cantores. Contrariando tudo aquilo que se diz/disse sobre não conhecermos e gostarmos das nossas culturas. Essa é uma das vantagens das lives e da pandemia.

2- Pela sua vivência o que acha do projeto social, nacional e popular no país? Há a participação do povo? //

DM-Sim. Há uma participação do povo. Não de uma forma massiva, mas está lá. Sempre que as autoridades solicitam mais participação do povo, ele aparece. Existem muitos projectos sociais que visam salvaguardar os valores e a vida humana.

3- Como é a relação entre a sociedade civil e a sociedade política atualmente? //

DM-Actualmente, tem sido de complementaridade. Apesar de ser de forma tímida, mas existe. Houve períodos em que as pessoas não se podiam manifestar, por exemplo. Hoje já conseguimos assistir a algumas manifestações e protestos.

4- Atualmente o que você tem a dizer sobre o universalismo mundial (em que há o predomínio dos valores económicos e de uma modernidade, como os formados no Ocidente) e como ele age em Angola?

¹⁶ Mestre em Estudos Literários e Docente da Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, no Departamento de Línguas e Literaturas Africanas. Autora do livro infanto-juvenil “O Gelado de Múkua da Mamita”, Domingas Monte é co-autora do romance interactivo “O Cruzeiro da Morte” e das antologias “Sonhos Sem Fronteiras” e “O Perfume”. Tem poemas publicados na colecção de crónicas e contos “El Dorado” e um conto na antologia de poesia e prosa “Arte de Viver”, ambos da Celeiro de Escritores do Brasil. Booktuber do canal “Caminhos da Literatura com Domingas Monte”.

DM-Essa é a linguagem universal. Tudo se move por esses valores, onde uns querem e lutam para ser economicamente e modernamente melhor que os outros. No nosso caso, em particular, o país dependia quase inteiramente do petróleo, o que a crise econômica mundial veio desnudar, com a queda do preço do petróleo. O país mergulhou numa crise sem precedentes, o que dificultou a vida da população no geral. O governo teve e tem se desdobrado em muitos outros programas e frentes, de modos, a superar a situação, estabilizando a vida do povo.

5- Você diria que os jovens de hoje também perderam as utopias? Como já se debatiam desde a década de 1980?

DM-De modo geral, sim. Mas como em tudo, há sempre exceções. E nisso encontramos um número que mantém as suas utopias acesas e tem trabalhado arduamente para a sua concretização. Eu acredito que vamos resgatar essas utopias, porque elas alimentam a vida.

Portanto, de acordo com as respostas acima, é possível concluir que há uma visão positiva de uma intelectual angolana, em relação ao cenário atual, já que demonstra uma visão muito esperançosa quanto ao cenário político, quanto à aplicabilidade dos projetos sociais, quanto ao resgate da cultura angolana, e, principalmente pude constatar a expectativa do resgate das utopias, embora esse pensamento não seja o mais usual entre outros autores contemporâneos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que esse romance surgiu diante de uma profunda crise em que valores, outrora nítidos festejados (utópicos) entram numa era mentirosa, traidora e sangrenta em que tudo é posto em questão... aquele mundo vai ruindo...o poder declina.

Tal desmoronamento fez com que o autor, enfrentando uma realidade dramática, que lhe cobrou o desejo pela verdade da distopia e a consequente expiação dos erros, diante do perigo da aniquilação e da morte que se tornaram corriqueiras naquele país chamado Costa da Prata- alusão à Angola. A literatura de Lima o interroga e interroga o leitor, ou seja, é uma escrita de situações tão dramáticas que se o interlocutor não tiver um interesse anterior aos fatos ocorridos em Angola, terá dificuldade em inferir as cenas do romance com os fatos reais. Percebe-se que Lima, busca , na obra o caminho de si mesmo, em meio às trevas, já que no contexto do romance, bem como no histórico, os atores “ ganharam a nação”, mas perderam-se de si mesmos...

Os autores que embasaram o presente trabalho: Pires Laranjeira , Morus, Max Weber, Salvato Trigo entre outros corroboram com os conceitos de utopia, distopia, dominação carismática, insegurança social, traições e tragédias entre outras situações tão visíveis nessa obra.

A autoridade carismática personificada por Davi Demba (representando a figura de Agostinho Neto), assim como as cenas de sua ascensão e ocaso, no romance são comparadas às ideias dos autores consultados, especificamente no contexto sociológico de Weber, que tão bem fundamentou os conceitos de carisma e submissão, como também as vantagens para ambos: o senhor e sua comitiva. Em contrapartida, o personagem Samuel Anga, que contraria o chefe supremo Davi, e será preso por isso, resume em uma

frase o conceito da distopia “- Vês como eles deram cabo do nosso sonho?” (p.71) tão presente entre outros autores africanos, em Pepetela, por exemplo, em muitos de seus romances aponta o os meios usados como a corrupção, a impunidade, as falcaturias , entre outros, pelos detentores do poder, a fim de que atinjam seus objetivos, esquecendo-se assim de valores como a ética, os valores humanos e as tradições. Já Manuel Rui, através do seu romance satírico: Quem me dera ser onda também apresenta situações caóticas no pós-dependência, como por exemplo, a escassez de alimentos, a corrupção, entre outras situações.

Finaliza-se aqui com um trecho já falado anteriormente, no que se refere à escolha do recorte a ser analisado na obra: âmbito sociopolítico nas cenas da narrativa de *Os anões e os mendigos* , que indica o desencanto do autor – que fez parte das lutas de libertação de Angola - devido às direções que país, após a independência de Portugal, tomou e, também certa mágoa pelo cenário de miséria em que vivem os povos africanos ainda hoje. No entanto, de acordo com a entrevista concedida pela professora universitária angolana: Domingas Monte, percebem-se ideias positivas no atual cenário.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Rita e MACEDO, Tania (orgs.). Portanto...Pepetela, São Paulo: Ateliê, 2009 pp.42-43

COHN ,Gabriel (org) e FERNANDES Florestan (coord.) -Weber-Sociologia -São Paulo-Ática-1986- pp.128 a 138

LABAN, Michel – Angola: encontro com escritores. Porto Porto 1.ºFundação Eng.º Eugénio de Almeida- 1991- p.441

LARANJEIRA, Pires: Literaturas africanas de expressão portuguesa. Universidade Aberta. Lisboa. 1995, p-113

LIMA, Manuel dos Santos-Os anões e mendigos-Luanda-Caxinde- 2004. pp.10 a 178

MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comum. In: Contatos e Ressonâncias. (Org.) Angela Vaz Leão. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. P.47

MORUS, Thomas Utopia I Thomas More; Prefácio: João Almino; Tradução: Anah de Melo Franco . - Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004. p.p.78-79

TOPA Francisco- VISHAN Irena: MANUEL DOS SANTOS LIMA, escritor angolano tricontinental - Co-edição: Porto .CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»- 1736-. 2020

TRIGO ,Salvato : Manuel dos Santos Lima: a escrita do(s) exílio(s) duma angolanidade ensombrada por cicatrizes dos sóis da independência. Universidade Fernando Pessoa- 2020, p-07- 09-12

Professora Domingas Monte-[Entrevista concedida à autora do presente trabalho: Solange Cerqueira Gouvêa da Silveira. E-mail. 25/09/2020

<https://www.horizontesviverangola.com/angola-esta-de-luto-morreu-manuel-dos-santos-lima/> 17/12/2024
br.geocities.com/www.ikuska.com/betogomes.sites.uol.com.br Acessado em :18/092020